

A PRESENÇA DA MITOLOGIA EM OS *LUSÍADAS*: NO CONCILIO DOS DEUSES

Adriana Vargas da Silva
Taiara Munique Milani
Karina A. S. Souza
Rafaela A. Ferraz

Profª orientador:
Silvani Daruiz

LINS/SP
14/09/2009

Resumo

O objetivo da pesquisa foi focalizar a Mitologia no episódio *O Concílio dos Deuses* no Olimpo, pertencente ao Canto I da epopeia clássico-renascentista - *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, poeta da fase áurea do Classicismo português. Buscaram-se as causas e os efeitos da inserção da mitologia numa obra que exalta um povo católico que se propôs a dilatar a fé cristã no Oriente, por meio da viagem do Gama às Índias. Utilizou-se o método dedutivo ao partir-se do contexto histórico-literário e do emprego geral da mitologia para a análise pormenorizada do episódio que congrega, no Olimpo, os deuses, sob cuja ação se desenrolaram os acontecimentos relatados na epopeia. Buscou-se a semelhança entre as divindades pagãs e os santos católicos, ressaltando, o problema criado para a autorização do Tribunal do Santo Ofício para a publicação, aduzindo a argumentação criada por Saramago na peça teatral *Que farei com este livro?*

Palavras-chave: Classicismo. Epopéia. Mitologia. Concílio. Maravilhoso.

INTRODUÇÃO

A obra literária portuguesa de maior destaque dentro da literatura mundial é o poema épico *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões. O alvoroço, tangente a essa obra-prima de caráter revolucionário para a época, desmembra-se em inúmeras particularidades do texto e leva a coroação de gênio da literatura ao semblante do autor.

A riqueza, presente nos versos de métrica invejável traz, nas asas do bom contador, um enredo fabuloso que projeta o futuro de toda uma nação sintetizada em grandezas nos feitos de Vasco da Gama e seus navegantes, que se lançam, não apenas nos mares do aquático desconhecido, mas também declaram o protótipo do herói extenso que se fixa por mérito nas páginas do legado histórico. O que de fato se immortaliza nos dez episódios do poema é a bravura lusitana, o poder do brasão português e as cores da bandeira de Portugal.

Um dos destaques da estrutura funcional do poema épico configura-se na presença da Mitologia, que parece definir-se como sombra vaporosa do enredo, porque os elementos divinos são elos percursores das estâncias históricas. Muitas situações descritas no poema ganham mais encanto por ter o intelecto sensível do escritor cedido a esse cânone próprio das epopeias. A peculiaridade faz-se eminente por tratar-se de um enredo que visa enaltecer um povo profundamente católico. A discrepância dessa inclusão do paganismo prevalece, porém, para amenizar o confronto de interesses, o poeta insere, também, condicionamentos da fé cristã. Muitas vezes esse enxerto de crenças do maravilhoso pagão e do maravilhoso cristão é dilacerante e exposto; outras, no entanto, é mais sutil e um tanto quanto metafórico.

Há brechas nos dois conceitos que, muitas vezes, funcionam de forma a fundir um ser de indumentária pagã em vestimentas sacras ou, no seu reverso, atribuir motivação bíblica aos atos mitológicos. Todas essas estratégias podem ser provocadas ou dispersas de interesse, embora, dentro das estrofes, tenham criado uma teia de agrupamento com peculiaridades de alegoria, um papel de parede que iluminou o poema com sua válvula de intertextualidade.

Entretanto a rima que surge desse paralelo faz uma ponte de nome sincretismo religioso, que liga o lado cristão com o lado pagão, sem deixar que o texto sofra com o abismo que separa esses dois pontos tão extremos, essa suntuosa

artimanha do escritor inova os parênteses de uma epopéia-padrão, mas como prêmio confere ao poeta a chave da criatividade inovadora que lhe abre portas no mundo da consagração posterior.

A investigação objetivou alcançar, além desses objetivos já delineados, os principais deuses de cuja ação decorreram os acontecimentos relatados na Narração. Focalizou-se, para tal, *O Concílio dos Deuses no Olimpo*, no Canto I. A metodologia dedutiva adotada, partindo da contextualização histórico-literária e das razões da inclusão do maravilhoso pagão, permitiu a compreensão mais acurada das divindades favoráveis ou adversas ao êxito dos lusos na consecução de seus objetivos.

1. A influência da Mitologia em *Os Lusíadas*

1.1 Contextualização de *Os Lusíadas*

Publicado em 1572, dentro da fase de ouro do Classicismo português, *Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões transformou-se num marco que se estendeu ao longo do tempo e dilatou as glórias do povo português.

Para a apreciação do poema é preciso ter-se em mente a função da epopeia que se resume em cantar as glórias de um povo, exaltando um herói que simboliza a história de uma nação. Outro elemento que se faz necessário ao corpo de uma epopeia, são as ações que evoluem sob a ótica dos interesses dos deuses pagãos que, meticulosamente, assumem uma postura de auxiliar do antagonista ou do protagonista. A estrutura que caracteriza uma epopéia, em geral, divide-se em cinco partes:

- *Proposição*: apresentação do tema e herói;
- *Invocação*: pedido de inspiração às musas da poesia;
- *Dedicatória*: oferecimento a alguém;
- *Narração*: narração dos fatos, com ênfase nos feitos heróicos e na legenda histórica;

- *Epílogo*: fechamento da epopéia com a consagração dos heróis.

A epopéia *Os Lusíadas* classifica-se como artificial, por ser de autor conhecido; o que a difere de uma epopeia natural, cujo autor não pode ser identificado, isso ocorre com as atribuídas a Homero: *A Ilíada* e *A Odisséia*.

A objetividade prevalece na obra que visa à razão sobre as emoções, numa cadência de acontecimentos que comprovam essa afirmação.

A origem do nome da obra camoniana emerge da lenda de surgimento da matriz portuguesa, segundo a qual Luso, filho de Baco, fundou no ocidente da Península Ibérica, um reino chamado Lusitânia. Quando os romanos se estabeleceram ali, em busca de alargar suas fronteiras e estender seus domínios, dividiram-na em três províncias, porém, o nome fixou-se, mesmo sob o domínio dos estrangeiros. Foi dessa retrospectiva histórica que Camões criou uma nova palavra, oriunda desse contexto para intitular sua epopeia: *Os Lusíadas*, que faz reverência ao povo de Luso, gente das terras lusitanas.

O papel do herói nessa odisséia portuguesa fica centrado no modelo da coletividade, mesmo porque Vasco da Gama e seus marinheiros, são personagens verídicas que se entrelaçam ao lúdico do enredo para expandir a questão do heroísmo à nação portuguesa.

Os Lusíadas é uma epopéia clássica e renascentista. Do ângulo renascentista advém o impacto do ressurgimento da epopeia clássica da antiguidade. Camões, ao escrever seus versos, inspirou-se na estrutura da *Odisseia* de Homero e nos primeiros versos de *A Eneida* de Virgílio, trazendo à tona a antiga forma poética greco-romana.

Na perspectiva do Classicismo, compreende o valor da imitação dos autores clássicos da antiguidade e a lendária presença dos deuses pagãos, que se nutrem das mitologias dos gregos e dos romanos.

A coexistência do maravilhoso pagão e do maravilhoso cristão se esparrama por todo o poema. O termo *maravilhoso* significa sobrenatural, além do real. Divindades pagãs e do cristianismo, presentes nos versos camonianos, mantêm certas semelhanças a exemplo do deus pagão Baco, descrito com rabo e chifres como o Diabo para o Cristianismo e a deusa da beleza Vênus, comparada à Nossa Senhora.

1.2 O ecletismo religioso: mitologia e catolicismo

Renascentista, Camões adotou nos versos épicos características do classicismo, sem abandonar suas convicções religiosas católicas. A mescla entre esse catolicismo fervoroso e a mitologia greco-romana marcou sua obra de forma significativa.

O autor glorifica o povo português, comparando-o aos deuses e valorizando-lhes as dificuldades encontradas durante a navegação. Serve-se da mitologia para ornar o estilo poético. A presença dos deuses em sua obra não contradiz a verdade da fé católica e, em muito, dá veracidade e beleza às ações.

Os planos histórico e mítico interpenetram-se e completam-se na estrutura do poema. A mitologia é a responsável pelo encanto poético da obra, transforma uma mera viagem em algo de impressionável valor literário, despertando a atenção do leitor não só para fatos históricos, como também para mitos de incomparável grandiosidade e riqueza.

A epopeia camonianiana difere das demais. O Poeta, aderindo à proposta renascentista, escreve-a, seguindo a inspiração clássica; todavia, supera-a em mais de um aspecto ao deixar sua religiosidade transparecer nos versos. Enquanto o maravilhoso pagão está no plano da ficção, o maravilhoso cristão está no plano das convicções do escritor.

No momento histórico a que a obra pertence, ocorre a coexistência de aspectos cristãos e pagãos. O teocentrismo dá lugar ao antropocentrismo. Ao teologismo de antes, contrapõe-se o paganismo, característica própria da estética literária em voga.

Camões é fruto do momento histórico; é um autêntico homem português cujo discurso está marcado pela dualidade reinante em Portugal: assimilou o Renascimento sem deixar de lado o Cristianismo, como expressão não apenas de uma vivência pessoal isolada, mas da religiosidade de um povo.

1.3 O Concílio dos Deuses no Olimpo

No início da Narração, Júpiter convoca os deuses para uma assembléia em seu palácio, no Monte Olimpo, a fim de decidir sobre o futuro dos portugueses nos mares. Pleiteia consultar as divindades para tomar partido favorável, ou não, aos

projetos dos navegantes lusos que, impulsionados pela glória futura, sumariamente planejam embrenhar-se por mares nunca dantes navegados e, por consequência de atos tão nobres, serem de fato congratulados para todo o sempre na máquina do tempo, que controla a história do mundo, mantendo vivos os seus feitos para que jamais caiam na agonia do esquecimento que atrofia a honra.

Avaliando os pontos pessoais da questão, dois deuses se elevam do silêncio, para proferirem palavras que exteriorizem suas opiniões acerca do assunto em pauta. É, nesse relevo, que a figura de Baco, o deus das orgias e do vinho, ganha corpo antagônico, pelo fato de ser contrário aos feitos de tal gente. Tal entidade era, de fato, alimentada pelo medo de ver seus domínios na Índia relegados ao esquecimento. A inveja desse deus irá guiar uma oratória contrária aos lusitanos.

Mas, uma segunda divindade projeta-se nesse episódio: Vênus, a carismática deusa da beleza e do amor. Propositadamente constrói sua argumentação em favor dos portugueses, porque se encanta com aquela gente de fala tão próxima a dos seus bem-amados romanos e, também, por ter ciência de que seus préstimos a tal povo lhe renderão, no futuro, adorações e aclamações em versos escritos pelos poetas nascidas naquela Península. Tal discurso divide os presentes em posicionamentos divergentes. O Olimpo glorioso reparte-se em considerações antagônicas.

Marte, o deus da guerra, toma a palavra e desfere contra Baco, uma argumentação exaltada, apoiando o pensamento de Vênus, sua amante em tempos idos.

Júpiter, senhor dos deuses, ratifica a decisão do Concílio, decidindo-se favorável ao êxito dos habitantes de Portugal.

O regimento que dita a conduta desses seres dentro da obra se estende ao limiar dos episódios, mesmo porque Baco, em sua negatividade declarada conscientemente, discorda do veredito supremo. Propôs-se a infligir maldades e criar obstáculos e ciladas aos navegantes.

Por outro lado, a figura protetora de Vênus procura conduzir as naus em segurança ao seu destino final; trabalha o tempo todo para evitar que o deus do vinho tenha êxito nas armadilhas forjadas.

O duelo que se estabelece entre essas divindades tem as cores realçadas, quando se aproxima o foco e transfere as reminiscências particulares de cada deus presente nos parágrafos da mitologia para as entidades jubilosas dos caracteres das

parábolas da Bíblia. O quadro que se forma enaltece o sincretismo religioso dentro do poema.

A credibilidade duvidosa dos intentos de Baco e as rasuras em seu caráter elegem-no, dentro da epopéia, como o vilão que aglutina em si toda a intensidade do mal; como se confrontado com um espelho, essa imagem do mito é reflexo do diabo bíblico, que tenciona destruir e aniquilar os inimigos.

Nesse discurso surge Vênus, complacente e dedicada, capaz de mover céus e terras por seus protegidos. Essa figura feminina assemelha-se à outra de real valor e importância dentro da Bíblia Sagrada. Esse amor maternal da deusa é equivalente ao misericordioso amor da Virgem Maria, mãe dos necessitados.

Cientes do poder do catolicismo dentro da vivência religiosa em Portugal, é elucidativo crer que Baco, o deus dos vícios e do desregramento, que alicerçou sua fama nos prazeres da carne e nos pecados da luxúria, fosse de fato o inimigo maior. A conduta do Cristianismo abomina essa libertinagem defendida por Baco e, por assim dizer, nada é mais óbvio que manter a marca negativa atada ao pecaminoso deus do vinho.

O confronto entre o maravilhoso pagão e o maravilhoso cristão traz à temática da obra complicações que se delimitam e, às vezes, fundem-se. De fato a presença de seres místicos é uma constante nas epopeias ao longo do tempo, mas, paralelo a isso, registra-se o fato de o Poeta estar cantando os feitos gloriosos de uma gente sabidamente católica. Aparentemente Camões optou por uma saída que visava agradar a *gregos e troianos*, pois verteu, em sua narrativa poética, um conceito de deus que mesclava espírito cristão a histórico mitológico, sem, no entanto, deixar de afirmar, que o paganismo era apenas um fluxo necessário para a fluência das ações que carregavam os deleites das esferas fundamentais da boa poesia, já que sintaticamente os dois deuses de destaque eram os expoentes do universo antagonico e da nutrição estrutural do universo do protagonista.

Essa verdade é tão cabal que se firma na complexidade individual de cada deus dentro do enredo. O trabalho psicológico das entidades é mais eficaz do que o feito nas personagens humanas, os quais, embora verídicos, são inexpressivos em sua caracterização, talvez por serem elementos de apoio que remete ao povo português e não a si mesmos. A ironia que se firma digere que tudo na epopéia gira em torno das vontades dos deuses brigões e quase, como se, na realidade, os pobres humanos fossem um brinquedo das peripécias das divindades.

No entanto, com um movimento de olhos mais aguçado, nota-se que, aos poderosos deuses presentes na obra, foram atribuídas fraquezas humanas. Baco, com sua inveja impregnada de imoralidades nas ações, é derrotado por mortais, mesmo que com boa atuação de Vênus. Esta, por sua vez, esmera-se em afagar seus filhos adotivos, mas a vaidade e a beleza saltam sempre que possível.

1.4 O Tribunal do Santo Ofício e a publicação da epopeia

A intertextualidade, presente nesse poema épico, trouxe para o escritor um referencial de problemas para a eventual publicação da obra, isso porque, quando Camões retorna da Índia, carregado de otimismo e esperanças em relação ao poema épico, vê-se premido por uma inexorável Inquisição em Portugal, caracterizada pela exigência flagelante que agia, principalmente, com as obras literárias que deveriam sempre passar pelo crivo da Santa Igreja para avaliação à luz dos preceitos divinos. Munido de autoritarismo, o clero erguia-se até mesmo sobre a coroa real para imprimir uma incansável luta contra seus supostos hereges.

Com o peso desse pensar, que perdurou por tenebrosos anos, brota em países assumidamente católicos, o poder supremo e cego do Tribunal do Santo Ofício. Os objetivos da Inquisição eram declarados, tinha por função identificar, perseguir e excluir da honrosa sociedade cristã, os elementos desagregados e opositores a fé em Cristo. Os acusados sempre eram rechaçados como culpados, porque o tratamento recebido pelos investigadores, possibilitava esse cortejo. Quando um homem era chamado à investigação, seu destino já estava traçado nas alcovas, pois nos porões das igrejas e dos monastérios tudo o que os representantes de Deus na terra podiam fazer para levar os descrentes a revelar sua verdadeira faceta era utilizado, ou seja, não havia suspeitos. Todos eram culpados. O inquérito, marcado pela brutalidade mesquinha da tortura, atingia o requinte de crueldade, para com os investigados. Isso resultava sempre em confissões que, sob efeito da força, eram assinaladas como a certeza da Igreja que purifica a Humanidade.

Os julgados e sempre condenados pela Inquisição caíam nas garras das autoridades do Estado que, caprichosamente, emitia as sentenças. Essas variavam desde confiscos dos bens até a morte em fogueiras, pois se acreditava que somente o fogo tinha força para exilar nas profundezas os espíritos amaldiçoados que

tomavam posse daqueles infelizes e contritos condenados. Na visão medieval da Igreja esse tipo de morte era um bálsamo para os pecadores que poderiam, enfim, achar o caminho do paraíso.

É nesse cenário que desembarca um Camões sonhador, reverberando por ansiar ver sua obra ganhar consistência de livro e glorificar não somente seu potencial de escritor, mas também toda a nação portuguesa, que era exaltada nos versos. Pensava que sua fortuna seria estendida a todos seus compatriotas e carregada pelas ondas oceânicas a todas as nações viventes, que maturariam indulgente inveja daquela brava gente, cantada em estrofes de heroísmo. O poema espertamente fora dedicado ao rei Dom Sebastião, mas havia, na epopeia, um elemento bombástico para o período inquisitório: os deuses pagãos que se ramificavam por toda a obra com metálica importância, e, naquele instante, no apogeu da opressão religiosa, a mitologia era tão nociva ao texto como ao autor que poderia ser acusado de prevaricador dos propósitos de Deus.

Compelido contra a parede do Santo Ofício, Camões lança mão de sua genialidade artística para proteger sua obra e a si mesmo. Um episódio tão marcante que acabou por render uma nova história, isso porque um grande autor também português, José Saramago, baseando-se nos percalços de Camões contra os dogmas da Inquisição, criou a obra teatral: *O que farei com este livro?* A peça ambienta-se em Lisboa, em abril de 1570, quando Luís de Camões retorna ao reino vindo da Índia e Moçambique e escorre no tempo de 1570 a 1572, quando consegue finalmente publicar *Os Lusíadas*. O texto tem por mérito narrar os dias de um Camões consternado pela falta de reverência ao seu livro e luta para publicá-lo. Uma das discrepâncias promove-se pelo embate que a Igreja faz ao enredo de seu poema, povoado de entidades mitológicas.

O fragmento da peça de teatro de José Saramago que dá vida a esse momento está presente no segundo e quarto quadros. Camões é chamado algumas vezes ao palácio da Inquisição para se confrontar com Frei Bartolomeu, representante da mão de Deus. No movimento de idas e vindas do poeta ao parecer do Frei, fica nítido que Sua Reverência se encanta pela magnitude do texto e pela maturidade do escritor, sem que essa admiração, no entanto, não o impeça de mutilar o que possa considerar pecaminoso ao caráter de Cristo e a questão do paganismo que é tão explorada nos versos. Como dilatar, em solo cristão, uma apologia aos deuses? O poeta, indagado sobre o porquê daquelas divindades serem

o engenho de força de sua obra e não, Jesus, a Virgem ou os Santos, em resposta devolve o questionamento ao representante da Igreja, fazendo-o analisar a incógnita a partir do ângulo do escritor, que inverte as posições. Seria fácil introduzir, no enredo, um santo protetor dos portugueses, mas qual santo seria o vilão, contrário aos feitos dos navegantes lusitanos? E passa a ideia de que, naquela história, para se salvar o bom nome da igreja imaculada, os elementos do mal e do bem tinham que pertencer ao fantasioso mundo da mitologia que, efemeramente, nada mais era que uma alegoria ao corpo do texto.

Reconhecendo a engenhosidade de Camões, Frei Bartolomeu Ferreira assina o direito de impressão do livro, ressaltando o grau de erudição do autor, que se serve do politeísmo dos gentios, para manter salva a verdade da santa fé.

O que se arrastou por todo o texto camoniano e teve início no primeiro Canto da obra, foi uma vertente do glorioso pagão que se subordinou ao maravilhoso cristão. As razões do escritor podem ter sido, em linhas gerais, para proteger a estrutura clássica que remete aos deuses; pode ter sido por base estilística de comportamento entre o mitológico e o bíblico, ou mesmo para defender um expoente católico como quis acreditar o real servidor da Inquisição, mas a verdade sobressalente é a que o elo mitológico enriqueceu os episódios de *Os Lusíadas*, deu magia e grandiosidade a fatos, tirando personagens do anonimato para o museu da eternidade. O parêntese mitológico do panteão de deuses foi para obra, coluna de sustentação, que protegeu o momento histórico com a leveza e deu abrigo ao imaginário dos leitores que mergulharam nas entrelinhas do poema.

Conclusão

Após essa excursão ao mundo épico camoniano é plausível afirmar que a genialidade desse escritor foi a cadeira-chefe de sua estratégia de conduta, que entrelaçou na estrutura da obra as concepções do maravilhoso pagão em ressonância com o maravilhoso cristão. O escritor engenhosamente pigmentou sua obra com a graça envolvente das credices mitológicas, então simbolizadas por seus múltiplos deuses, que adornavam as ações dos personagens humanos e atribuía emoção à narrativa histórica. Convergente a esse ponto situa-se a questão de atrito, pois a intenção maior do poema *Os Lusíadas* era banhar de glórias a nação portuguesa, tão lendária por sua bravura, quanto por sua eufórica fé cristã

para atender a vanguarda de toda essa gente os membros do cristianismo piscam em fragmentos épicos.

E será nesse ponto que Camões, ainda com o poder da escrita, traça um anexo que introduz o sincretismo religioso como fase determinante de todo seu poema, um desdobramento inovador, a estratégia torna o poeta um guerreiro que estende um escudo protetor a sua obra que poderia ser mutilada e até extinta por intervenção da Santa Inquisição, ou mesmo cair na desgraça da fobia de seus leitores que poderiam enxergar no texto conteúdos de utopia herege, delegando o conteúdo dos feitos portugueses a segundo plano de importância.

A influência dos termos mitológicos na inexorável obra literária *Os Lusíadas*, foi um bem necessário ao corpo da epopéia que mantinha laços com o classicismo, e a beleza das ações dos deuses dentro da trama protegeu o enredo, de forma a assegurar a regularidade das personagens, mas o que mais contribuiu para essa intertextualidade foi a magia que garantiu o tempo certo para capacitar as alegorias dentro da obra, conferindo ênfase e emoção aos contingentes históricos.

A verdade única é que o elemento mitológico foi como um perfume excêntrico que se impregnou por todas as fibras da imortal epopéia e deu a ela uma essência mais vibrante e atraente.

Abstract

The research's purpose was focus on mythology in *O Concílio dos Deuses no Olimpo*'s episode that belongs Canto I from epic classic renaissance - *Os Lusíadas*, by Luís Vaz de Camões, poet of the golden age of Classicism Portuguese. Looked for the causes and effects of the insertion of mythology in a work exalts a Catholic people who propose to dilate the Christian faith in the orient, through Gama's journey to the Indies. Was used the deductive method from the literary-historical context and the general employment of mythology for a detailed analysis of the episode that brings on Olympus, The gods, under whose action took place the events reported in the epic. It was looked for the similarity between the pagan deities and Catholic saints, highlighting the problem created for the authorization of the Santo Ofício for publication, adducing the argument created by Saramago in play *Que farei com este livro?*

Keywords: Classicism. Epic. Mythology. Council. Wonderful .

Referências

CAMÕES, Luís de, 1525?-1580. Os lusíadas. Ed. Comentada. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia grega. 14º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia grega. 17º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

Autores

Adriana Vargas da Silva – Graduanda em Letras

Drivargas84@hotmail.com – fone: (18) 3651-2297

Karina Aparecida dos Santos Souza- Graduanda em Letras

karinasou@hotmail.com – fone: (14) 8167-0687

Rafaela Aparecida Ferraz – Graduanda em Letras

rfaela_letras04@hotmail.com - fone: (14) 9105-0861

Taiara Munique Milani – Graduanda em Letras

Taiamunique@hotmail.com – fone: (14) 8117-5963

Orientador:

Prof. M.Sc. Silvani Daruiz – Mestre em Letras

Silvani.daruiz@terra.com.br - fone: (14) 3522-1983